

O CUIDADO ARQUEOLÓGICO AO SE DEPARAR COM O OUTRO QUE FALA/FAZ PALAVRA

Martina Sohn Fischer
martinasohnf@gmail.com

Madalena Becker
madalena_becker@icloud.com

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, campo de estágio, angústia

RESUMO: Este relato de experiência, trata a questão do encontro com o estágio de clínica, supervisionado por uma psicanalista, A caracterização do problema está centrada na angústia perante o primeiro encontro com o outro, num lugar de escuta técnica ainda acadêmica; essa entrada para a práxis supervisionada fará ponte para a clínica fora da academia. A discussão do tema baseia-se no tripé da formação de um analista, composto pelo ensino teórico, supervisão e a análise pessoal. A acadêmica iniciou sua análise pessoal antes de adentrar o curso de psicologia, tem seus desdobramentos ao se encontrar com o cuidado arqueológico necessário nesse lugar com um outro que fala em busca de um lugar de sujeito.

“Seu trabalho de construção, ou, se preferir, de reconstrução, assemelha-se muito à escavação, feita por um arqueólogo, de alguma morada que foi destruída e soterrada, ou de algum antigo edifício” (FREUD, 1980, p.277), para também falar

[...] assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permaneceram de pé, determina o número e a posição das colunas pelas depressões no chão e reconstrói as decorações e as pinturas murais a partir dos restos encontrados nos escombros, assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise (FREUD, 1980, p.277)

Dificuldades que foram surgindo, como a ansiedade perante o primeiro encontro com o primeiro paciente e a angústia relacionada ao que fazer diante do sujeito e seu sofrimento, que anseia por algo que aponte na direção de cura. Para Freud, a questão se dá como algo nodal, ou seja, outras teorias acerca do aparelho psíquico convergem para tal, então há uma teoria nuclear ramificada em vários tipos de angústias e seus desdobramentos (FREUD, 1917, p. 520). Deve-se analisar que a angústia parece algo instintivo, que pressupõe perigo e coloca o sujeito em estado de alerta, mas também o paralisa, então, o sujeito angustia perante algo que se repete:

Assim, o selvagem se assustará com pegadas na mata que nada informam ao insciente, mas lhe denunciam a proximidade de um animal feroz; e um navegante experiente contemplará com horror uma nuvenzinha que parece inofensiva ao passageiro, mas lhe anuncia a aproximação de um furacão (FREUD, 1917, p. 521).

Assim Freud diz que o saber de algo que já ocorreu antes, faz nascer o afeto de angústia;

Acreditamos que se trata do *ato do nascimento*, no qual se dá aquele agrupamento de sensações de desprazer, impulsos de descarga e sensações corporais que se tornou para nós o modelo do efeito gerado por um perigo de vida e que, desde então, repetimos sob a forma do estado de angústia. [...] Reconheceremos também como bastante significativo o fato de aquele primeiro estado de angústia ter decorrido da separação da mãe (FREUD, 1917, p. 525).

Essa angústia perante a primeira experiência ao se autorizar na posição de psicólogo advém de um excesso superegoico, na melhor das hipóteses, com receios frente ao não-saber clínico, esse estagiário é tomado pela ansiedade de castração. Ao dar início aos atendimentos, pressupõe uma passagem ao lugar de autorização de seu desejo numa práxis. Terá então que desprender-se do imaginário e das idealizações acerca da experiência clínica, das expectativas que podem interferir em sua escuta flutuante. Descobrirá que é de um não-saber sobre o outro que se fundamenta a essência da clínica, possibilitando ao analisante encontrar seu próprio saber insabido na queixa que o trouxe ao tratamento. No escrito lacaniano "*Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*" (LACAN, 1992), encontramos a advertência onde a exterioridade do simbólico (Outro) sobre o homem é a própria noção de inconsciente. Descobrirá que dando lugar ao sujeito desejante e sua fala, dará também lugar ao percurso da construção em análise no decorrer do recordar, repetir e elaborar.

A descrição da experiência explorará o que foi feito com a angústia, com ancoragem no tripé.

Deve-se insistir, antes, que tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz. Não pode haver dúvida sobre o efeito desqualificante de tais defeitos no médico; toda repressão não solucionada nele constitui o que foi apropriadamente descrito por Stekel como um "ponto cego" em sua percepção analítica (FREUD, 1912, p. 130)

Assim, a experiência que retoma a angústia em atender o primeiro paciente, é sobre pensar se a escuta agiu com pontos cegos, o que se escutou e o que não se ouviu. Na primeira supervisão, a tentativa é de relatar fidedignamente, a supervisora então traz em sua fala a necessidade da escuta, pois se se tem a análise pessoal e o ensino teórico, o que fica desse primeiro encontro é: Escute, escute de novo e escute mais uma vez. Tem-se também questões tangenciais à transferência, qual posição a acadêmica e o paciente se colocaram e quais queixas e demandas surgiram? Partindo disso outro texto de Freud surgiu nas supervisões subsequentes, *recordar, repetir e elaborar*

(1914). Ancorada nessa escuta no que se repete no discurso do sujeito apontando para elaborações ao longo do tratamento, respeitando assim o tempo de cada sujeito. Sobre os resultados alcançados, o estagiário se autoriza a dar lugar para que o analisante se analise com ele, posto que é esse o percurso ético de uma análise. Sobre as recomendações, o acadêmico deve se preparar para esse encontro de forma a saber do seu desejo e inconsciente, através da análise, pautado nas supervisões e estudo teórico.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (1980). **Construções em Análise** (J. O. A. Ribeiro, Trad.). Em J.Salomão (Org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol.XXIII, pp. 275-287). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)

Freud, S. (1912/1980). **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. Obras completas, ESB, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 193-203. Edição Standard, Vol XII.

Freud, S. (1916-1917) **A angústia**. Em Conferências introdutórias à psicanálise, obras completas vol. 13. Editora: Companhia das letras 2014.

LACAN, J. (1956/1992). **Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956**. In ESCRITOS, São Paulo. Perspectiva, 1992.